

A LIQUIDEZ DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO CIBERESPAÇO

Horácio Leal Miranda¹
Heitor Ferrari Marback²

Resumo: É cada vez mais frequente o uso de redes sociais, sites e aplicativos específicos para estabelecer novos vínculos, sobretudo, relações afetivas. O presente artigo tem como objetivo analisar elementos da contemporaneidade, segundo os conceitos de modernidade líquida, apresentados pelo sociólogo e filósofo polonês, Zygmunt Bauman. Desse modo, se busca um entendimento do mundo de forma fluida e instável, momento em que ocorre uma constante implosão dos valores, trocas e padrões, em oposição ao que outrora fora denominada pelo próprio Bauman como “fase sólida da modernidade”, denotada por mecanismos mais rígidos e incontestáveis, conduzida por uma racionalidade mais técnica. A pesquisa alude sobre as possíveis causas dos transtornos sociais provocados pela exorbitância da vida contemporânea. Através do levantamento de dados primários, de forma qualitativa, utilizando de entrevistas semidirigidas, obteve-se resultados que apontam possíveis gatilhos motivacionais que estimulam as diferentes expectativas dos indivíduos no ciberespaço, como também pontua as diferentes instâncias modeladoras do isolamento humano no contexto virtual. Os resultados apontam para a necessidade de uma atenção para a continuidade de estudos dentro dessa temática, por se tratar de um tema contemporâneo e ainda pouco estudado.

Palavras-chave: modernidade líquida, relacionamentos, redes sociais, ciberespaço.

INTRODUÇÃO

O acesso e o uso da banda larga são facilitadores essenciais da economia digital, disse o documento. Apesar da crescente conectividade, o uso da banda larga ainda é muito limitado nos países menos desenvolvidos, onde permanece muito cara para a maior parte da população. O advento da Internet trouxe diversas mudanças no comportamento das pessoas. Entre essas transformações, a mais significativa para essa pesquisa é a possibilidade de expressão, comunicação e socialização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador e aplicativos de celular. Nesse contexto de transições tecnológicas, Zygmunt Bauman aguçava uma importante transição no tempo. A mutação da modernidade sólida para a modernidade líquida proporcionou a fragmentação de construções históricas que foram erguidas para serem perenes.

¹ Pós-graduando em mídias sociais pelo Centro Universitário Jorge Amado. arte.hori@gmail.com

² Professor do Centro Universitário Jorge Amado. hfmarback@gmail.com

Segundo Bauman, modernidade líquida é, portanto, uma fase que se contrapõe à modernidade sólida, carrega consigo a ideia de transitoriedade, uma temporalidade mutante que impõe a necessidade de movimento contínuo. A partir desse entendimento, o derretimento dos códigos sólidos adquiriu um novo sentido, sedimentando uma nova ordem econômica, política, ética, social e cultural. A liquefação das coisas e das relações tornava a teia social desprotegida, desarmada e exposta. Para Bauman, a era atual se mostra fluida, há pouco espaço para estabelecer rotinas sociais. Os poderes globais agem para demolir os laços afetivos/sociais, para acomodar um fluxo maior de pessoas, indo e voltando dos seus lugares provisórios.

O presente artigo analisa os efeitos das novas tecnologias e os multi formatos de relacionamentos esculpidos nos ambientes virtuais. A escolha da tese de Bauman se deve pela afinidade ideológica, pelo interesse comum relacionado às relações sociais e cibercultura. O trabalho é dividido em proposições; Primeiramente contextualiza-se as características da liquefação da modernidade (conceito mestre da pesquisa), a fim de averiguar seus reflexos nas relações afetivas, pelas vias digitais. Posteriormente, aponta uma compreensão para o termo denominado liquefação das relações. Em seguida reflete-se sobre as dimensões da interconexão, fazendo uma transversalidade acerca dos assuntos: ciberespaço e afetividade. Adiante, discorre-se a metodologia aplicada e em seguida, apresenta-se o demonstrativo dos participantes, grupos de adultos usuários de aplicativos e sites voltados para encontros afetivos e sexuais, e ainda, os procedimentos referentes à estrutura e análise das entrevistas. Por último, são pontuados os resultados.

O objetivo desse trabalho é discutir a influência das redes e conexões virtuais no comportamento social, priorizando as relações amorosas e sexuais, estabelecidas no ciberespaço. Como objetivos específicos, serão investigadas e discutidas as ideias de Zygmunt Bauman sobre modernidade líquida, amores líquidos e os conceitos de ciberespaço, além de analisar as possíveis causas da efemeridade das relações afetivas no ambiente virtual, bem como as prováveis diferenças nas maneiras de se relacionar (virtual versus presencial).

A pesquisa se justifica pois ao observar as ideias de Zygmunt Bauman, sobre o tema modernidade líquida, percebe-se características urgentes da contemporaneidade,

principalmente no que se refere ao comportamento de alguns usuários de aplicativos, sites e redes sociais de relacionamentos (amorosos e/ou sexuais).

A partir de entrevistas individuais, buscou-se analisar as possíveis consequências dos transtornos sociais provocados pela coexistência contemporânea, bem como as fragilidades e/ou lacunas existentes nos relacionamentos afetivos oriundos dos ciberespaços. Com o objetivo de atrair atenção para o tema, o presente trabalho expõe uma percepção preocupante, uma forte tendência de isolamento social, validado pela fragilidade dos vínculos humanos, estabelecidos de forma pouco perene nos ambientes virtuais.

A LIQUEFAÇÃO DA MODERNIDADE

A origem da modernidade líquida estaria relacionada ao cenário de mobilidade, inconstância e transformação, mas sem uma mudança absoluta no tempo. A modernidade líquida segue na contramão daquilo que se entende como sociedade estática, restritiva às liberdades individuais. Para Bauman, a liquefação dos limites políticos, éticos e culturais estariam associados com a emancipação própria de cada indivíduo. As liberdades das escolhas acabaram por moldar indivíduos extremamente voltados para si, despidos de valores coletivos. A liquidez, que estaria destinada a atingir o sistema político-social acabou alcançando também as relações pessoais, como indica o próprio Bauman, passou de um nível macro, para um nível micro. Bauman alerta para uma mudança na estruturação do poder decorrente da modernidade líquida. A liquidez se conecta à ideia de tempo (que é fluído), enquanto a solidez se conecta à ideia de espaço (que é invariável). Assim, em um contexto de modernidade líquida, o poder é móvel, dinâmico e não limitado a um determinado ponto espacial.

No auge das relações líquidas, os elos humanos são construídos e desconstruídos constantemente. A cada conexão novas possibilidades afetivas são reiniciadas, os vínculos tornam-se potencialmente frágeis, ambivalentes, fragmentados, instantâneos, instáveis, fluidos e imediatos. A vida líquida é uma sucessão de reinícios, por isso os rompimentos tendem a ser questões inquietantes e desafiadoras. Zygmunt Bauman (2007) alerta que, entre as artes da vida líquido-moderna e as habilidades necessárias para praticá-las, livrar-se das coisas tem prioridade sobre adquiri-las. Em entrevista para o jornal El País (em janeiro de 2016), Bauman mencionou:

É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias.

Na era da liquidez, o ser humano se despersonaliza e adquire o status de objeto, algo a ser consumido e, seguindo o caminho contrário, acaba sendo descartado por outrem. Esse processo de despersonalização do indivíduo, imerso no oceano da indiferença existencial é a característica por excelência da ideia de vida líquida problematizada por Bauman, uma vida fictícia. Num mundo frágil e imediatista, os laços humanos se constituem precariamente, enfatiza Bauman. A fluidez da Modernidade Líquida se revela através da vulnerabilidade, instantaneidade e precariedade das relações humanas.

A LIQUEFAÇÃO DAS RELAÇÕES

Para Bauman (2004), os laços afetivos são frouxamente atados para que possam ser desfeitos sem maiores dificuldades. As pessoas buscam se relacionar, mas não estão dispostas a se esforçar pela continuidade de suas relações. Devido a essa fragilidade dos vínculos, cria-se uma espécie de relacionamento de bolso, que pode ser usado sempre que necessário. É inegável que o potencial segregador do ciberespaço seja menor, comparado ao mundo real. A falta de territorialização física amplia uma fantástica gama de possibilidades e cruzamentos múltiplos, alega Gonçalves (2002). Encontros improváveis são tornados possíveis, o que representa evidentemente um enriquecimento no campo das possibilidades amorosas.

Essa dicotomia evidencia um aparente traço comportamental, as pessoas temem mergulhar em certas relações afetivas (no âmbito virtual, em particular) ao passo que o ciberespaço amplifica as possibilidades dessas relações. Entretanto, o indivíduo conectado se entrelaça com tantos grupos e redes, de forma simultâneas, que seus vínculos com cada um deles se tornam frágeis. O acesso à internet é feito de maneira pessoal, todos os indivíduos se tornam potenciais gargalos em suas próprias redes. Na prática, isso significa um progressivo isolamento acompanhado, paradoxalmente, de um número igualmente grande de conexões com outras pessoas, anota Luís Mauro Sá Martino:

O problema é que, como essas pessoas também estão ligadas a inúmeras outras, o resultado é a formação de grupos relativamente pequenos, com ligações pouco densas entre os indivíduos - cada um deles especialmente ocupado consigo mesmo, ou trabalhando na manutenção dos laços frágeis que constrói. A própria noção de “relação” ganha outros contornos a partir da visão de um individualismo conectado. Relacionamentos são criados e terminados com relativa facilidade na medida em que os laços responsáveis por sua formação não têm força o bastante - isto é, não são importantes de verdade - para sobreviverem por longos períodos (MARTINO, 2015, p. 140).

Trocar as conexões reais humanas pela virtualidade digital pode acarretar a sensação de solidão, uma vez que o sujeito desconecta daquela relação. Substituir por completo as vivências sociais, entendidas por Bauman como autênticas, desencadeia certo sentimento de exclusão social.

O conceito de comunidades virtuais defendido pelo autor estabelece um parâmetro básico de definição; elas não são melhores ou piores do que os agrupamentos humanos no espaço físico. Segundo Martino (2015), embora a forma de ligação entre os indivíduos seja diferente, seres humanos transpõem para as comunidades virtuais seus desejos, vontades e aspirações, das mais sublimes às mais perversas. O autor defende que a rede social potencializa as convicções individuais, principalmente por conta do anonimato. Entende-se que quando a pessoa intenta, de forma particular, iniciar um tipo de proximidade afetiva (superficial ou não), ela adquire os mesmos riscos, desejos, bônus e aspirações que outra pessoa teria numa tentativa no contexto não virtual.

CIBERESPAÇO E AFETIVIDADE

As pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações sociais que desenvolvem e fortalecem durante a vida; primeiro no âmbito familiar, depois na escola, em seguida na comunidade em que vivem, no trabalho e virtualmente. Nas redes sociais cada indivíduo tem sua própria identidade cultural, função social e sua relação com outros indivíduos forma uma teia coesa de ligações e relações, que representa uma rede. Sendo assim, é possível a formação de diferentes configurações de redes nos ciberespaços.

Nesse contexto, de relações afetivas e transformações, Martino (2015) conceitua cibercultura como a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e

éticas dos seres humanos que articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço.

A busca por parceiros e parceiras por meio de aplicativos de encontros tem forte impacto na autoestima e na identidade das pessoas. Nesse sentido, é necessário atentar para o fato de que durante uma interação virtual os sentimentos de solidão, comprometimento, prazer, angústia, opressão, satisfação, rejeição, pertencimento e de amor, estão sendo acessados remotamente, sem que haja dissociação dos fatores de temporalidade, virtualidade e localidade.

Ainda sobre relacionamentos líquidos, a doutora em Psicologia, Lígia Baruck de Figueiredo, em seu Livro *Tinderellas: O Amor Na Era Digital*, conta que, para as mulheres e para o público LGBTTQI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers e pessoas intersex) de forma geral, os avanços da internet são enormes, ainda que a pesquisadora encare as ideias de Bauman como antiquadas. Ainda assim vale colocá-las como contraponto; com o crescente uso dos aplicativos de encontros, muitas mulheres podem sair de casamentos abusivos, divorciar-se e encontrar companhia em qualquer idade e de acordo com seus critérios de seleção. Outras tantas podem ter um cardápio variado de opções, algo que antes só era permitido aos homens. Figueiredo pesquisou e entrevistou mulheres urbanas, com idade superior aos 35 anos, que usam aplicativos de encontros. Segundo a doutora, os aplicativos são meios de facilitar o agenciamento do próprio desejo, pois buscar uma parceria, mesmo sem a certeza de encontro, pode favorecer a sensação de controle sobre a vida amorosa e sexual, minimizando o risco de possíveis frustrações.

Ainda que seja defensora da liberdade virtual, a pesquisadora incorpora a mesma linha de raciocínio consumista. Para Lígia, os sites e aplicativos para encontros funcionam como um supermercado de gente, onde cada um pode relacionar-se com uma ou várias pessoas, simultaneamente ou uma por vez, de acordo com sua escolha, sendo limitado apenas pela paciência, resistência e habilidade de uso.

Na mesma direção exploratória; Couto, Souza e Nascimento (2013), pesquisaram o uso do Grindr e Scruff, dois dos aplicativos de dispositivos móveis mais populares usados pela comunidade LGBTTQI na cidade de Salvador/BA.

O artigo Grindr e Scruff: amor e sexo na cibercultura analisa os conceitos de visibilidade, espetacularização do ego e do hiperconsumo em torno da cultura digital, na qual valoriza-se a máxima exposição dos corpos em busca de prazeres imediatos e fugazes. O estudo mostra a promoção de si como uma característica da cibercultura - na velocidade da conectividade em tempo real - faz circular aceleradamente os sujeitos em vitrines virtuais, sob a lógica do consumo. O exibicionismo é categórico, pois para se sobressair neste contexto os usuários têm que apresentar uma mercadoria desejável. O artigo supracitado conclui que os usuários dos aplicativos referenciados têm em comum a busca constante de parceiros, a ânsia por experiências afetivas e sexuais voláteis e encontram, muitas vezes, no mero ato de exibir-se em rede uma pedagogia de excitação e gozo numa tela. Assim, a efemeridade é imperativa nas relações virtuais, percepção fortalecida pela ideia de não-lugar, um conceito cunhado na década de 90 pelo antropólogo francês, Marc Augé.

No seu artigo, Figueiredo e Gurgel (2015) discutem a problemática trazida pelo fenômeno da sobremodernidade, consequência direta do processo de globalização que propicia a aparição dos não-lugares; espaços onde são travadas relações transitórias, superficiais, a partir da adoção de identidades provisórias, baseando-se nos conceitos apresentados pelo etnólogo e antropólogo francês, Marc Augé. Existem espaços nos quais se transita diariamente para chegar aos destinos favoritos, porém não estabelecem vínculos afetivos, espaços de passagem incapazes de dar forma a qualquer identidade. Esses ambientes são denominados não-lugares: pode ser uma estrada, um ponto de ônibus, um saguão, um circuito de carnaval, uma estação de metrô, pode ser um pátio de uma universidade. Nessa mesma perspectiva, o ciberespaço torna-se também um não-lugar, pela sua vicissitude, pela sua engenharia dos comandos (*login/logout*), pela forma de acessibilidade, pela própria virtualidade e transitoriedade, o que fundamenta tal superficialidade e imaterialidade.

Desse modo, se, por um lado, os não-lugares autorizam um grande circuito de pessoas, por outro transformam o mundo em uma espécie de vitrine, um espetáculo com o qual se constroem relações imagéticas constantemente, transformando indivíduos em espectadores de um lugar profundamente codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte.

METODOLOGIA

A discussão trazida no escopo desse artigo sobre a Modernidade Líquida e suas extensões, relaciona-se com uma realidade globalizada, de um mundo fragmentado que só pode ser descrito dentro de contextos específicos, aponta Bauman. Assim, buscou-se averiguar, pela pesquisa de campo, como as características do mundo líquido afetam as relações afetivas e seus processos tecnológicos no ciberespaço.

A coleta de dados se deu através de entrevistas individuais semidirigidas (perguntas abertas), com usuários e usuárias de sites, aplicativos e redes sociais voltadas para encontros. A amostra foi construída a partir da técnica bola de neve, mecanismo em que entrevistados convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos.

Desse modo, a composição do grupo de entrevistados se deu por indicação de amigos de amigos, através das redes sociais (Whatsapp, Facebook, Instagram e Twitter). Os encontros presenciais foram realizados em local escolhido pelos entrevistadores e as entrevistas virtuais foram realizadas via WhatsApp. Desse modo, buscou-se garantir o registro, a fluidez da conversa e a economicidade de tempo.

Foi aplicada a metodologia qualitativa, considerando que esse método consegue captar melhor as emoções, as motivações, os valores e ambiguidades. Segundo Minayo (2003), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. A metodologia qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado:

Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 21).

É correto dizer que a compreensão do objeto das ciências sociais é puramente qualitativa. Minayo (2003) afirma que a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que se possa elaborar sobre ela.

PARTICIPANTES

A escolha das pessoas entrevistadas se deu aleatoriamente, sem que houvesse fatores limitadores como: nível de escolaridade, geolocalização e classe social. Entretanto, buscou-se as particularidades nas diferentes orientações sexuais (como subgrupos), a fim de aprofundar as nuances do comportamento dessas pessoas no ciberespaço, além da simples divisão: homem e mulher. O critério mínimo de seleção para filtrar os(as) 44 candidatos(as) inscritos(as) ponderou, principalmente, que a pessoa entrevistada tivesse idade superior a 18 anos e perfil ativo em qualquer aplicativo ou site de encontro, nos últimos 6 meses. Desse total, foram selecionados 27 participantes aptos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 01 – Apresentação dos Grupos e Subgrupos de entrevistados	
Homem Cisgênero	15
Mulheres Cisgênero	12
Subgrupos	
Homem Heterossexual	1
Homem Homossexual	13
Homem Bissexual	1
Mulher Heterossexual	11
Mulher Homossexual	0
Mulher Bissexual	1

Fonte: Elaborado pelos autores

O quadro acima demonstra uma peculiaridade na amostra apresentada, uma certa equivalência entre homens e mulheres, no que se refere ao uso dos aplicativos de encontros. Entretanto, registra-se uma baixíssima adesão entre homens heterossexuais, homens bissexuais e mulheres homossexuais.

Por outro lado, resta presumir que homens homossexuais e mulheres heterossexuais estão mais disponíveis para dialogar sobre suas relações, ou quem sabe, seja o público que mais consome esse tipo de produto.

Os aplicativos mais acessados, citados nas entrevistas são: Grindr, Scruff (por homens) e Tinder (por mulheres e homens). O Facebook e o Instagram aparecem listados como potenciais ferramentas de busca de parceiros e parceiras, ainda que não tenham essa finalidade específica.

Segundo os usuários entrevistados, através do Facebook e Instagram, é possível verificar outros tipos de compatibilidades (sociais, políticas, musicais, ideológicas e geográficas), configurando fontes mais confiáveis contra o anonimato.

As entrevistas presenciais e virtuais ocorreram entre 31/07/2018 a 18/09/2018, com tempo médio de 40 minutos. A pesquisa não considerou a temporalidade no comportamento dos resultados, os entrevistados (adultos entre 21 e 60 anos de idade) experienciaram o uso dos aplicativos no período entre 2015 e 2018.

PROCEDIMENTOS

No intuito de identificar os tipos de relações afetivas estabelecidas no ciberespaço, bem como as expectativas em torno delas, foi aplicado ao grupo pesquisado um questionário com 14 perguntas.

As entrevistas foram registradas, codificadas e tabuladas, evitando qualquer tipo de exposição do entrevistado. A primeira fase se deu com a separação das respostas numa tabela individual, em seguida foram cruzadas as informações e organizadas por temas. A metodologia escolhida permitiu a classificação dos dados com base nas respostas comuns.

Para garantir a expressividade e autenticidade das amostras, dividiu-se a apuração em 3 (três) categorias. Desse modo, para densificar essas categorias, foram listados 4 (quatro) componentes em cada categoria. A seleção de cada componente foi feita com base nas respostas comuns (que mais se repetiram), de acordo com as experiências relatadas por cada pessoa entrevistada.

Biklen e Bogdan (1994) afirmam que o investigador passa uma quantidade de tempo considerável no mundo empírico recolhendo laboriosamente e revendo grande quantidade de dados. Desse modo, o investigador poderá confrontar constantemente suas opiniões e preconceitos próprios.

RESULTADOS

Para refletir sobre o problema proposto na especificação dos objetivos desta pesquisa, apresentam-se a seguir os principais aspectos observados durante o exame dos depoimentos coletados:

Categoria 1 - Perfis Comportamentais: Indicadores de um arquétipo motivador, gatilho involuntário que tem relação com o desejo. São prováveis impulsos estimuladores capazes de interferir na decisão de acessar o aplicativo ou site de encontro.

Categoria 2 - Razões Condicionantes: Fatores de instabilidade, potencializadores da fugacidade estabelecida no ciberespaço. Possível maquinismo incitador da desistência e do desuso dos aplicativos e sites de encontro.

Categoria 3 - Ambiência: Processos que se relacionam com aspectos particulares de experientiação, os quais determinam as preferências pessoais pela forma de se relacionar, virtual e não virtualmente.

Categoria 1 - Perfis Comportamentais:

- a) sexo (pessoas que usam aplicativos em busca de encontros meramente casuais sexuais);
- b) conforto (pessoas que usam aplicativos para fazer novos contatos, de forma prática e econômica);
- c) carência (pessoas que usam aplicativos para atenuar o sentimento de solidão e escassez da companhia de outrem); e
- d) curiosidade (pessoas que usam aplicativos para saciar o desejo de saber o que se passa nos aplicativos, vivenciar novas experiências).
- e) Na primeira categoria sugere-se uma caracterização das razões motivacionais e expectativas para o uso dos aplicativos de encontro, que se expressam da constatação dos depoimentos das pessoas entrevistadas por meio das suas próprias experiências.

Categoria 2 - Razões Condicionantes:

- f) fantasia e criação de personas (quando as pessoas constroem personagens idealizados, a partir de suas projeções);

- g) distância entre as pessoas (quando as pessoas se limitam ao ciberespaço, quando optam pelo isolamento social ou quando há um distanciamento físico geográfico);
- h) intenções diferentes (quando há divergência de objetivos entre as pessoas); e
- i) superficialidade na interação (quando não há aprofundamento na conversa ou entrega na relação).

Na segunda categoria, foram analisadas as possíveis causas da fugacidade das relações afetivas construídas a partir do ambiente virtual. A subcategorização dos agentes internos e externos foi feita com base nas respostas individuais e, posteriormente, numa similaridade de observação e opinião das pessoas entrevistadas.

Categoria 3 - Ambiência:

- j) não há diferença entre presencial e virtual (similaridade entre a relação virtual e a relação presencial, a finalidade é igual);
- k) desinibição (ausência de timidez e bloqueios comportamentais no relacionamento virtual);
- l) contato físico (necessidade de calor humano, identificação química, social e/ou sexual na relação presencial); e
- m) integridade física (maior segurança pessoal proporcionada na relação virtual).

Na terceira e última categoria, foi observado o processo de construção das relações - *on versus off*. Diante do cenário de oposição entre virtual e presencial, enumeraram-se as divergências mais recorrentes, as vantagens e desvantagens podem interferir no comportamento individual e coletivo.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

No intuito de alinhar as teorias propostas por Zygmunt Bauman com as proposições trazidas no presente artigo, foram eleitos 03 (três) componentes de cada categoria supracitada, que dialogam com a proposta desta pesquisa: carência; superficialidade nas interações; e integridade física.

Assim, visando concatenar as ideias de mundo líquido, observou-se que, dentre os componentes listados, um dos principais fatores motivadores para o uso de aplicativos de encontro é a carência (pessoas que usam aplicativos para atenuar o sentimento de solidão). Para Bauman, a conexão virtual entre as pessoas, muitas vezes, dá-se em momentos de isolamento real, conectar-se e desconectar-se é um processo social sistemático.

No que diz respeito aos diversos formatos de relações, apostila-se o segundo componente, que tem relação com a superficialidade nas interações nas conjunturas virtuais afetivas. Bauman afirma que os relacionamentos líquidos representam instabilidade, pois eles são facilmente descartados.

O individualismo e a competitividade contribuem para que ocorra a liquefação dos elos, visto que a superficialidade configura os conceitos representados pela cibercultura, condicionados aos prazeres fugazes, encorajados pelo hiperconsumo e amplificados pela superexposição. Afeto, amor, sexo, transa, lugar, teclar, deletar se tornam uma coisa só.

Partindo da análise dos depoimentos, nota-se que as relações desenvolvidas na esfera virtual são volúveis ao próprio formato fluido do ciberespaço, uma vez que as conexões entre usuários muitas vezes são mantidas no anonimato. Nesse contexto de ambiência, foi explicitado entre as pessoas entrevistadas que o principal fator entre uma relação presencial e virtual estaria relacionado à integridade física.

O confinamento virtual é preocupante, entretanto esse traço comportamental evidencia outras questões no que tange à segurança pessoal. Com o aumento de número de crimes de ódio contra a comunidade LGBTTQI, assim como a intensificação dos casos de feminicídio, a segurança passa a ser um fator inquietante, já que a última etapa da interação virtual é legitimada no encontro presencial, o que viabiliza riscos.

CONCLUSÃO

Em tempos de maior autonomia sexual e de mobilidade digital, nota-se uma mudança significativa na forma de se relacionar e interagir. Nessa perspectiva de mutações, a própria comunicação ganha novos aspectos, a virtualidade amplifica o

modo, o tempo, o lugar e o usuário. Assim, a acessibilidade torna o ciberespaço um ambiente menos segregador e mais diverso.

A superexposição espetacularizada no ciberespaço torna a construção do amor e do sexo muitas vezes objetos de vitrine, mercantilizados e fragmentados. Transcender às telas dos *smartphones* e socializar exige muito mais do que uma ruptura no modo de se comunicar e de se comportar, requer habilidades sociais.

Sob a perspectiva das relações virtuais, a alternância entre uma conversa e outra pode satisfazer tanto quanto a conquista de um parceiro ou parceira. Isso aponta para a possibilidade de que o meio importa tanto quanto a finalidade e o prazer podem estar contidos no próprio ato de escolher, selecionar e/ou descartar.

Também, cabe defender que o estado de liquefação das coisas e a desintegração social (individual ou coletiva) podem estar intimamente ligados à nossa forma de consumir e de descartar, aspectos particulares das relações líquidas.

Não se trata, por fim, do uso adequado ou não dos instrumentos tecnológicos, mas do uso responsável desses aparatos. Não há mecanismos balizadores para ajuizamento desses ou daquele comportamento, sobretudo quando envolvem ética, identidade e moral, elementos que sobrepõem às esferas de qualquer inovação tecnológica.

Assim, o processo de despersonalização do indivíduo é a característica por excelência da liquefação, problematizada por Bauman. As lógicas de consumo e da artificialidade tornam as experiências virtuais vazias, pois a atração de se desconectar é muito maior, do que a motivação para criar novos elos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. Vida Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. (2001), Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (2004), Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

COUTO, E.S; SOUZA, J.D.F. de; NASCIMENTO, S.P Grindr e Scruff: Amor e Sexo na Cibercultura, 2013. Simpósio Em Tecnologias Digitais e Sociabilidade, Salvador, 10 e 11 de outubro de 2013.

FIGUEIREDO, T.; GURGEL Y.; Não-Lugares Enquanto Produtos Da Sobremodernidade: Reestruturação dos Elementos Constitutivos do Estado em Face da Transitoriedade das Relações Travadas no Estado Democrático de Direito. Diké – Mestrado em Direito. Aracaju, vol. 4, n. 2, Ago-Dez/2015. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/dike/article/view/4100/3890>. Acesso em 08 de outubro de 2018.

LINS, Regina Navarro.; Novas Formas de Amar, São Paulo, Planeta do Brasil, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.; Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARTINO, Luís Mauro Sá.; Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, Ambientes, Redes. 2. ed. – Petrópolis, Vozes, 2015.

FIGUEIREDO, Lígia Baruch.; Tinderellas: Busca Amorosa Por Meio de Aplicativos Para Smartphones, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18981/2/L%C3%ADgia%20Baruch%20de%20Figueiredo.pdf>, acesso em 25/09/2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.; Brasil é o Quarto País Com Mais Usuários de Internet do Mundo, Diz Relatório da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/brasil-e-o-quarto-pais-com-mais-usuarios-de-internet-do-mundo-diz-relatorio-da-onu/>. Acesso em 27/09/2018.